

ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA AS EMPRESAS DE CONFECÇÕES DE VESTUÁRIO DO MUNICÍPIO DE MONTES CLAROS – MG¹

Warley Rogério Fulgêncio Soares
Mestrando em Economia pelo CME-UFBA
Bacharel em Economia pela Unimontes

RESUMO

A literatura econômica recente, principalmente a que trata de Economia Industrial e Regional, tem dado ênfase aos aspectos referentes aos ganhos de competitividade das MPEs (micro e pequenas empresas) de um mesmo ramo de atividade reunidas em Arranjos Produtivos ou *Clusters*. Ações para a promoção dos Arranjos Produtivos Locais têm sido implementadas por diversos centros de pesquisa. Podemos citar os estudos desenvolvidos pela REDESIST/UFRJ e pelo CEDEPLAR/UFMG que tem desenvolvido trabalhos permanentes na identificação dos principais casos brasileiros. Partindo desta base teórica, procuramos averiguar as potencialidades das empresas de confecções de vestuário do município de Montes Claros – MG, sob a ótica dos Arranjos Produtivos. Através do método de identificação dos mesmos, proposto por ALBUQUERQUE (2000), identificamos este setor como um Arranjo Produtivo Potencial. A partir de um levantamento por amostragem, realizado com 31 empresas locais deste setor, observamos que comparado a outros Arranjos Produtivos do mesmo setor no país, o do município de Montes Claros se encontra em estado incipiente. Verificamos que, conjuntamente, as empresas não têm integração entre si, pois a maioria absoluta não compra matéria-prima, máquinas e equipamentos e nem troca informações sobre as tendências da moda. Outro fator importante para essa falta de integração é a ausência da atuação dos poderes públicos das três esferas, decisivos na articulação dos atores. Apesar dessas deficiências, com uma articulação entre os agentes envolvidos, as empresas de confecções de vestuário local têm grande possibilidade de se tornar um Arranjo Produtivo bem sucedido, contribuindo para amenizar os graves problemas de renda e emprego do município e região.

Palavras Chaves: Arranjos Produtivos, Setor de Confecções, Desenvolvimento Local

1- Introdução

Estudos econômicos recentes, principalmente os que tratam de Economia Industrial e Regional, têm dado ênfase aos aspectos referentes aos ganhos de competitividade das MPEs (micro e pequenas empresas) reunidas em Arranjos Produtivos Locais ou *Cluster*.

O foco em Arranjos Produtivos Locais (APLs) tem como ponto fundamental sugerir estratégias para que as micros e pequenas empresas possam sobreviver nesse ambiente

¹ Gostaria de agradecer aos professores Marcos Fábio Martins de Oliveira e José Jorge Santana, meus orientador e co-orientador, respectivamente, da minha monografia, pelos comentários e sugestões deste artigo. Como de praxe, quaisquer erros remanescentes são de inteira responsabilidade do autor.

concorrencial, através de ganhos advindos da cooperação entre os agentes, tanto a montante quanto a jusante (fornecedores e compradores).

Ações para a promoção dos Arranjos Produtivos Locais têm sido implementadas por diversos centros de pesquisa. Podemos citar os estudos desenvolvidos pela REDESIST/UFRJ (Rede de Sistemas Produtivos e Inovativos Locais/Universidade Federal do Rio de Janeiro), este em particular tem desenvolvido trabalho permanente na identificação dos principais casos brasileiros. É importante citar também os trabalhos realizados pelo Centro de Planejamento e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais - CEDEPLAR/UFMG, como também pelo Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP (UNICAMP-IE-NEIT).

Experiências de Arranjos Produtivos de Confeccões de Vestuário no país demonstram que este setor tem uma grande capacidade na geração de emprego e renda. Como exemplo podemos citar os casos de Nova Friburgo no estado do Rio de Janeiro e Vale do Itajaí em Santa Catarina, importantes pólos confeccionistas responsáveis por um número significativo de postos de trabalho nas suas respectivas regiões.

O setor de confeccões de vestuário tem algumas particularidades relevantes tais como: a) a quantidade de empregos gerados, b) facilidade para instalação de uma nova unidade produtiva, c) grande informalidade das firmas, d) tecnologia amplamente difundida; aspectos que fazem com que o mesmo seja significativamente heterogêneo².

Este setor é o que mais gera empregos dentro do Complexo Têxtil brasileiro, mesmo após a abertura da economia manteve-se em processo de contínuo crescimento. A maioria das empresas de confeccões, principalmente do vestuário, são micro e pequenas unidades, característica que reduz sua capacidade de enfrentar concorrentes maiores devidos à economias de escala. Uma das propostas recomendadas para o setor é a união das micros e pequenas empresas em Arranjos Produtivos, pois através dos ganhos obtidos com esta estratégia podem melhorar sua competitividade e atingir novos mercados.

No Norte de Minas, especialmente no município de Montes Claros, estão localizados importantes empresas produtoras de fios e tecidos, tais como COTEMINAS, Santanense,

Paculdino entre outras. Portanto, este município é importante fornecedor de matérias-primas para confecção. Entretanto, apesar de existir essa vantagem, o setor de confecções local é muito incipiente. De acordo com estudo do SEBRAE - Montes Claros (1999), estas empresas não possuem integração com as produtoras de tecido, numa nítida falta de cooperação entre as mesmas. O estudo das causas dessa deficiência se faz necessário, pois políticas de promoção de pólos de confecções em locais onde há mão-de-obra e matérias-primas é importante no combate ao desemprego e na geração de renda, problema crônico no país como um todo, e nesse município em particular, inserido no chamado Polígono das Secas.

2 Os clássicos dos estudos regionais e as novas teorias de desenvolvimento regional

A pesquisa econômica voltada para as questões regionais tem no momento ganhado maior interesse devido às diversas transformações ocorridas principalmente nas últimas duas décadas do século passado. Isso devido às mudanças no ambiente econômico advindo do processo de “globalização” e das questões ligadas a economia inter-regional como os blocos econômicos (DINIZ, 2000).

As teorias de desenvolvimento regional são relativamente recentes quando comparadas às primeiras formulações econômicas academicamente consistentes. Temos por um lado às teorias clássicas da localização substanciadas em trabalhos de Von Thüner, Weber, Chistaller, Lösch e Isard com os preceitos da teoria neoclássica da firma (CARVALHO & SANTOS, 2003). Portanto, neste primeiro momento temos a visão de que as decisões sobre a localização das firmas são tomadas de forma racional e mais eficiente possível.

Temos por outro lado, a corrente de cunho Keynesiana como as proposições de Harrod, Domar e Kaldor com pressupostos de planejamento estatal regional, como também as teorias Marshallianas dos distritos industriais e os chamados pólos de desenvolvimento sistematizados por Perroux (CARVALHO & SANTOS, 2003). Nestes estudos as idéias de pólos irradiadores de desenvolvimento são consideradas pontos chaves no processo de desenvolvimento das regiões.

Na tentativa de fazer uma sistematização da produção em Economia Regional CAVALCANTE (2003) propõe uma subdivisão dos estudos em Economia Regional em dois

² Para discussão extensa sobre o assunto ver FGV/IBRE (1999).

grupos principais: os ligados às questões da teoria da firma, como Weber entre outros e os de inspiração Marshalliana e Keynesiana.

Para a América Latina e para o Brasil em particular, sobressai a corrente Cepalina do desenvolvimento regional. Nos anos 70 as formulações críticas de cunho marxista são tratadas por diversos autores tais como Harvey, Lefebvre, Castells, Lipretz, Coraggio entre outros. No país especificamente tiveram grande influência durante a crise dos anos 80 como também na formulação da nova agenda de desenvolvimento regional no início dos anos 90 (CARVALHO & SANTOS, 2003). Aqueles autores tratam da questão do desenvolvimento desigual entre as regiões e que as políticas de desenvolvimento devem ser diferenciadas respeitando as particularidades de cada região.

Influenciadas por experiências bem sucedidas em regiões como a chamada “Terceira Itália”, os teóricos europeus e americanos observam a dinâmica inovadora dessas localidades, destaca-se nessa linha os autores ligados a questão das externalidades de Marshall, e os chamados “Ambientes Inovadores” de inspiração Schumpeteriana (CAVALCANTE, 2003).

Porter sintetiza esses fatos em pesquisa empírica em regiões de alto dinamismo no comércio internacional. Os denominados *clusters* industriais começam a ser exaustivamente estudados, principalmente as suas características de cooperação voluntária, confiança e ações coordenadas que influenciam no desenvolvimento regional (CARVALHO & SANTOS, 2003).

As propostas de desenvolvimento a partir de Arranjos Produtivos para certos setores de atividade se tornaram freqüente por uma gama de estudiosos nacionais. O fenômeno da globalização, a abertura econômica e a desregulamentação do mercado impuseram novos desafios para as micro e pequenas empresas, para a sobrevivência das mesmas, estudos indicam que a teoria relacionada aos Arranjos Produtivos Locais podem ser a melhor estratégia para a sobrevivência dessas empresas nesse ambiente cada vez mais concorrencial.

3 Arranjos Produtivos Locais (*Cluster*): aspectos teóricos

A literatura econômica recente, principalmente a que trata de Economia Industrial e Regional, tem dado ênfase aos aspectos referentes aos ganhos de competitividade das MPEs (micro e pequenas empresas) de um mesmo ramo de atividade. Reunidas em um espaço geográfico

delimitado que através dos ganhos de economias de escala obtidos pela cooperação entre as mesmas conseguem reunir sinergias para enfrentar uma competição cada vez mais acirrada no mundo. No Brasil, especialmente após a abertura da economia brasileira iniciada na década dos 1990 que trouxe um novo paradigma para as empresas de um modo geral e as micro e pequenas empresas em particular, pois estas como as demais, foram obrigadas a enfrentar uma concorrência feroz e muitas vezes desigual dados alguns fatores, principalmente macroeconômicos, tais como: sobrevalorização cambial, abertura econômica, juros altos etc., que já foi vastamente tratado pela literatura econômica brasileira recente, não fazendo aqui parte de nossa análise³.

Diversos autores definem o *Cluster*, a saber:

- Os *clusters* podem ser entendidos fundamentalmente como sendo aglomerações espaciais de firmas, fornecedores e serviços (MYTELKA & FARINELLI, 2000).
- O *cluster* é “um conjunto de empresas e entidades que interagem em um espaço geográfico definido, gerando e capturando sinergias, com potencial para atingir crescimento competitivo contínuo superior ao de uma simples aglomeração econômica”. (FIEMG, 2000, p.16).
- “Clusters consistem de indústria e instituições que têm ligações particularmente fortes entre si, tanto horizontal quanto verticalmente, e, usualmente, incluem: empresas de produção especializada; empresas prestadoras de serviços; instituições de pesquisas; instituições públicas e privadas de suporte fundamental”. (HADDAD, citado por FIEMG 2000, p.16).
- “Cluster é um agrupamento geograficamente concentrado de empresas inter-relacionadas e instituições correlatas numa determinada área, vinculadas por elementos comuns e complementares. O escopo geográfico varia de uma única cidade ou estado para todo um país ou mesmo um rede de países vizinhos”. (PORTER, 1999, p.209).

³ Ver BAER (2000), entre outros.

Devemos ressaltar as vantagens que a constituição desses Arranjos Produtivos Locais promovem para as regiões em que são desenvolvidos. Além do impacto da constituição desses Arranjos sobre o desenvolvimento regional e a competitividade setorial de diversos setores industriais, a constituição dos mesmos gera importantes benefícios sociais como a geração de emprego e renda.

4 Identificação do Arranjo Produtivo Local

Como salientado anteriormente, uma das características principais do setor de confecções é grande informalidade das firmas. Entretanto, a maioria dos estudos utiliza basicamente dados de empresas formais, ou seja, aquelas que são registradas nos órgãos competentes. Seja qual for a metodologia utilizada, a maioria dos estudos utilizam como fonte de dados a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) disponibilizado em CD-ROMs pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Para ALBUQUERQUE (2000, p.12), “O principal índice para a construção da metodologia de identificação de clusters é quociente locacional (QL)”. Este índice é largamente utilizado em estudos de economia regional.

Para o cálculo deste índice, utilizou-se os dados da RAIS. Adotando-se como base para o índice o total de empregados registrados (EMP) informados pela RAIS, o cálculo do QL é feito segundo a fórmula abaixo:

$$QL = \frac{\frac{E_j^i}{E_j}}{\frac{E_{BR}^i}{E_{BR}}} \quad (1)$$

Onde:

E_j^i = Emprego do setor i na região j;

E_j = Emprego total na região j;

E_{BR}^i = Emprego do setor i no Brasil;

E_{BR} = Emprego total Brasil

A partir dessa fórmula, o QL pode ser calculado variando os níveis de agregação, segundo a disponibilidade dos dados na RAIS.

A interpretação do valor do indicador QL baseia-se numa comparação entre especializações:

- Quando $QL = 1$, a especialização do município j em atividades do setor i é IDÊNTICA à especialização do conjunto do Brasil nas atividades desse setor;
- Quando $QL < 1$, a especialização do município j em atividades do setor i é INFERIOR à especialização do conjunto do Brasil nas atividades desse setor;
- Quando $QL > 1$, a especialização do município j em atividades do setor i é SUPERIOR à especialização do conjunto do Brasil nas atividades desse setor.

Primeiramente utilizamos a classificação do IBGE que informa os 26 grandes setores de atividade na economia brasileira, nesta classificação, o setor têxtil e de confecções de vestuário e acessórios são classificados em apenas um grupo. Para distinguir o peso dos dois setores para Montes Claros, resolvemos utilizar a classificação mais detalhada, qual seja, a Divisão de Atividade Econômica segundo classificação CNAE/95 com 59 categorias, entre as quais estão: fabricação de produtos têxteis e confecção de artigo do vestuário e acessórios.

Para poder verificar o real peso de cada setor de atividade no município fizemos os cálculos dos respectivos QLs, e chegamos aos seguintes resultados: para o setor de fabricação de produtos têxteis $QL = 8,4$ e para confecção de artigo do vestuário e acessórios $QL = 0,5$.

A dificuldade de se identificar o setor de confecções de vestuário e acessórios neste município como um Arranjo Produtivo potencial (o cálculo do QL para este setor demonstrou baixa especialização) deve-se ao fato de que uma das peculiaridades deste setor é a grande informalidade das firmas, e como salientado anteriormente, a maioria das metodologias utilizadas (a qual utilizamos também) para a delimitação dos Arranjos tem como base de dados a RAIS que só traz informações sobre os empregos formais.

Apesar de os resultados acima não demonstrarem especialização do município no setor de confecções, a análise empírica se faz necessário, pois estudos recentes⁴ indicam que Montes Claros é um Arranjo Produtivo potencial do setor têxtil e o presente estudo traz resultados de pesquisa empírica do setor de confecções (elo da cadeia têxtil) no município.

A partir de dados da RAIS/MTE (2001), utilizamos o método por amostragem⁵ por tamanho de estabelecimento, de acordo com o número de funcionários e chegamos ao seguinte resultado, conforme TAB. 01 a seguir:

Tabela 01
Número de empresas Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios
em Montes Claros em 2001

Tamanho do estabelecimento	N. de empresas	T. da Amostra
Ate 4 empregados	22	13
De 5 a 9 empregados	15	9
De 10 a 19 empregados	7	4
De 20 a 49 empregados	4	2
Total	48	28

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE 2001.

Como se pode verificar, 88% das empresas empregam até 9 empregados corroborando com a característica apresentada no país como um todo para este ramo de atividade.

5 Caracterização do Complexo Têxtil Brasileiro⁶

O Complexo Têxtil brasileiro compunha-se em 2000 de 22.102 empresas, sendo que, as empresas de confecções são predominantes, como demonstra a TAB. 02 abaixo.

⁴ FIEMG (2000), CROCCO et al (2002).

⁵ A amostra foi definida segundo a fórmula:
$$n = \frac{Z^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot N}{E^2(N-1) + Z^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q}}$$

onde:

n: Tamanho da amostra,
z: variável normal padronizada (intervalo de confiança de 0,95),
p: pê estimado,
q: complementar de p
N: Tamanho da população
E: Erro máximo admitido.

⁶ Para discussão extensa sobre o Complexo têxtil Brasileiro ver diversos estudos, entre os quais citamos (FGV/IBRE (1999), GORINI E SIQUEIRA (1997), entre outros.

Tabela 02
Complexo Têxtil Brasileiro em 2000

Segmentos	Número de empresas
Têxteis	3.305
Fiações	360
Tecelagens	434
Malharias	3.195
Beneficiamento	298
Confeccionados	18.797
Vestuários	15.634
Meias e acessórios	1.235
Linha Lar	1.501
Outros ¹	427
Total²	22.102

Fonte: IEMI (2001) In MONTEIRO FILHA & SANTOS, 2002.

¹Artigos técnicos, industriais e acessórios.

²A soma das parcelas supera o total porque há empresas que atuam em mais de um segmento.

A predominância de empresas confeccionistas no Complexo Têxtil Brasileiro é uma característica encontrada também em outros países, tais como Itália, Alemanha e China entre outros (FGV & IBRE, 1999).

O Complexo Têxtil do país passou por intensas transformações nos últimos anos, principalmente após o processo de abertura da economia brasileira a partir da década de 1990. Durante muito tempo este setor manteve-se extremamente protegido contra a produção de outros países. Apesar dessa proteção contribuir para a consolidação da Indústria Têxtil no país, a continuidade dessa política teve efeitos negativos sobre o desenvolvimento tecnológico e organizacional, contribuindo sobremaneira para a perda de competitividade.

Os efeitos negativos da abertura comercial indiscriminada causaram efeitos deletérios. Nos segmentos de tecelagem e malharia, houve uma queda de 66% e 32% no número de empregados, respectivamente entre 1990 e 1997, entretanto, o setor de confecções de vestuário houve apenas uma pequena redução de 6%, evidenciado que este setor enfrentou de forma peculiar o processo de abertura como demonstra a TAB. 03 abaixo.

Tabela 03
Número de empregados nas fábricas (1990-1997)

Ano	Tecelagem	%	Malharia	%	Confecção de vestuário	%
1990	140.665	100	140.730	100	1.108.869	100
1991	117.333	83	116.587	83	1.125.813	102
1992	124.864	89	99.749	71	1.132.501	102
1993	88.513	63	92.389	66	1.045.761	94
1994	88.472	63	96.506	69	1.086.067	98
1995	62.135	44	85.853	61	1.095.822	99
1996	58.614	42	80.477	57	1.079.872	97
1997	47.500	34	79.000	56	1.040.000	94

Fonte: BNDES In Gorini e Siqueira 1997.

Ano Base 1990 = 100%.

Portanto, os impactos da abertura comercial sobre o emprego no Complexo Têxtil brasileiro foram significativos, dado o elevado grau de postos de trabalho que foram ceifados, principalmente devido a entrada de produtos importados como também à adoção de máquinas mais modernas poupadoras de mão-de-obra durante o processo de modernização das firmas. Entretanto, esses efeitos foram menores para o setor de confecções de vestuário na qual a introdução de novas tecnologias é dificultada devido às peculiaridades inerentes ao setor.

5.1 O setor de confecções

Quando se analisam as deficiências deste setor, percebe-se que poucas empresas são tecnologicamente e organizacionalmente atualizadas (dotadas, dentre outras coisas, com bons esquemas de comercialização de sua produção), sendo que a maioria é composta por empresas defasadas que competem no mercado via terceirização. Levando-se então, a um elevado grau de informalidade, fator que contribui para a falta de competitividade, pois as mesmas não têm a possibilidade de obtenção de linhas de crédito oficial, entre outros fatores (FGV & IBRE, 1999).

Os reduzidos investimentos em canais de comercialização (tanto internos quanto externos), assim como no desenvolvimento de produtos, em técnicas modernas de gestão, controle dos custos e parcerias com clientes e/ou fornecedores corroboram também para a falta de competitividade de parte deste setor (FGV & IBRE, 1999).

A qualidade da mão-de-obra em algumas regiões e o preço da mão-de-obra, principalmente no Nordeste brasileiro, vem contribuindo para o aumento da competitividade deste setor. A

utilização do Sistema CAD (Computer Aided Design) / CAM (Computer Aided Manufacturing) que possibilitou uma queda substancial do desperdício em algumas empresas em que os utilizam é outro fator importante (FGV & IBRE, 1999).

O setor de confecção tem se mostrado um dos principais setores da Cadeia Têxtil do país, este setor passou incólume pelo processo de abertura econômica, foi o que único que conseguiu crescer, mesmo com as adversidades impostas, tanto no número de empresas quanto na mão-de-obra empregada que teve apenas uma pequena redução (FGV & IBRE, 1999).

A confecção de vestuário, especificamente, está tendo um papel importante pelo número de empregos que tem gerado dentro da Cadeia Têxtil. As experiências dos pólos confeccionistas no país têm mostrado como é importante o apoio a este setor da economia para a geração de emprego e renda.

6 Análise do Complexo Têxtil de Minas Gerais, Norte de Minas e Montes Claros- MG

6.1 O Setor Têxtil em Minas Gerais

O setor têxtil é o mais tradicional entre todos os setores industriais do estado, pois têm mais de cem anos de história. Considerado o segundo pólo lançador de moda do Brasil, o complexo têxtil mineiro é respeitado em todo o país, devido à sua dimensão, diversidade e criatividade de suas coleções. Além disso, está localizado estrategicamente, pois é um importante centro consumidor e está próximo dos demais grandes centros consumidores (FGV & IBRE, 1999).

"O segundo grande pólo local de desenvolvimento está na Zona da Mata, que congrega cerca de 17% das indústrias do Estado, em que se destaca uma concentração de empresas no município de Juiz de Fora. Por último, o pólo local do Sul de Minas concentra 16% das indústrias, com uma concentração em Varginha. Além desses pólos locais, há que se destacar cidades de porte médio, onde existem micro pólos locais de importância, como as cidades de Itaúna, Cataguases, Montes Claros, a própria cidade de Varginha e Três Corações". (FGV & IBRE, p.115, 1999).

Segundo dados do Sindivest (Sindicato das Indústrias de Vestuário de Minas Gerais), há no estado cerca de 10.000 empresas de vestuário (considerando também as informais), empregando cerca de 150.000 trabalhadores (SINDIVEST, 2003). Atualmente a

competitividade do Estado neste setor, está ligada a baixa remuneração da mão-de-obra, pois a remuneração do trabalho representa, segundo cálculos do INDI (2000), 30% do valor final do produto, percentual menor que em outros estados. Isso está levando as empresas a se deslocarem da região tradicional (região central) para o interior do estado a fim de reduzir custos e encargos.

Com relação ao número de empresas, o setor têxtil mineiro comportou-se de forma diferente ao do restante do país, apesar de uma pequena redução no começo dos anos 90 até 1994, o número de empresas aumentou de forma contínua nos anos 90, passando de 4.515 empresas em 1994 para 6.155 em 2001. Isso demonstra a grande capacidade de adaptação do empresariado mineiro deste setor ao novo paradigma imposto nos anos 90.

Quanto ao número de empregados, houve o mesmo comportamento, apesar de uma redução no início dos anos 90. Enquanto que em 1990 havia 84.393 empregados no setor têxtil em Minas em 1993 este número era de 71.361 uma redução de aproximadamente 16% neste período. Posteriormente, observa-se uma melhora nesses números e em 2001 verificamos um total de 85.518 empregados, ou seja, surpreendentemente um número superior ao que havia no início dos anos 90 com aproximadamente 2% a mais de empregos gerados por este setor de atividade. Os resultados estão expostos na TAB. 04

Tabela 04
Número de Empresas e de Empregados no Setor Têxtil em
Minas Gerais 1990/2001

Ano	N. de Empresas	N. de Empregados
1990	4.651	84.393
1991	4.375	74.484
1992	3.743	67.220
1993	4.037	71.361
1994	4.515	80.621
1995	5.840	76.620
1996	5.729	76.090
1997	5.121	75.304
1998	5.288	74.879
1999	5.450	78.482
2000	5.863	84.236
2001	6.155	85.518

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE 2001.

Estudos sobre as causas desse comportamento sugerem pesquisas futuras, mas a reação deste setor em Minas Gerais demonstra a capacidade do estado de se adaptar as situações adversas, pelo menos neste ramo industrial.

6.2 O setor têxtil no Norte de Minas Gerais e Montes Claros

O desenvolvimento do setor têxtil no Norte de Minas está estritamente relacionado com a inclusão desta região no âmbito da SUDENE, que teve no final dos anos setenta e oitenta, um período que proporcionou um desenvolvimento industrial condicionado aos incentivos fiscais e financeiros decorrentes deste fato (apesar de experiências industriais desde o século XIX). A região experimentou também um período de grande expansão na cultura do algodão, mas foi extremamente prejudicada por pragas e entrou em decadência (OLIVEIRA et al., 2000).

O setor têxtil no Norte de Minas teve um comportamento extraordinário nos anos de 1990, o número de empresas e empregados cresceu de forma contínua naquela década com apenas pequenas variações no período.

O número de empresas cresceu 95% entre 1990 e 2001, passando de 59 empresas em 1990 para 115 em 2001. Esse substancial crescimento deve-se entre outros fatores aos incentivos fiscais e financeiros decorrentes desta região está incluída na área mineira da SUDENE/ADENE, atraindo grandes investimentos de empresas do setor para essa região.

Quanto ao número de empregos gerados, verifica-se um grande aumento, enquanto que em 1990 havia 3.062 empregados, em 2001 esse número era de 5.296 um crescimento de 72% no período em questão. Isso demonstra a grande capacidade de geração de emprego deste setor para a região. Esses dados estão demonstrados na TAB. 05 a seguir.

Tabela 05
Número de Empresas e de Empregados no Setor Têxtil
no Norte de Minas 1990/2001

Ano	N. de Empresas	N. de Empregados
1990	59	3.062
1991	72	3.062
1992	68	3.613
1993	66	3.757
1994	76	4.279
1995	92	4.812
1996	103	6.485
1997	108	6.631
1998	114	5.024
1999	110	5.616
2000	116	5.339
2001	115	5.296

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE 2001.

A região Norte Mineira abriga hoje, importantes empresas do setor têxtil, principalmente nos ramos de fiação e tecelagem. No município de Montes Claros há empresas do porte da COTEMINAS (Companhia de Tecidos do Norte de Minas). Esta empresa ocupa o segundo lugar no *rank* das empresas de produtos têxteis do país (REVISTA CONJUNTURA ECONÔMICA, Agosto de 2002).

A companhia de Tecidos Santanense, tradicional do setor têxtil de Minas Gerais, possui uma unidade fabril no município de Montes Claros, especializada na produção de brins, que podem ser utilizados para a confecção de uniformes profissionais entre outros. Esta empresa passou igualmente por uma profunda reestruturação para se manter competitiva frente ao novo cenário imposto pela abertura comercial.

É importante ressaltar que este setor no Norte de Minas passou incólume pela crise dos anos de 1990, ao contrário do que ocorreu no país como um todo, o mesmo cresceu significativamente nesta região, tanto em número de empregos quanto de empresas, com destaque para as grandes empresas produtoras de fios e tecidos.

Devido ao fato deste município abrigar a maioria das empresas têxteis do Norte de Minas, o comportamento das mesmas nos anos dos 1990 foi o mesmo da região. Enquanto que em 1990 havia 38 empresas neste município, em 2001 este número era de 66 empresas, um aumento em termos percentuais de 74% aproximadamente. Em relação ao número de

empregados, os números são bastante parecidos também com o Norte de Minas. Enquanto que em 1990 havia 1.765 empregados no setor têxtil em Montes Claros, em 2001 este número era de 3.787, ou seja, um crescimento de 114% no período analisado. Os dados estão expostos na e GRAF. 01 abaixo.

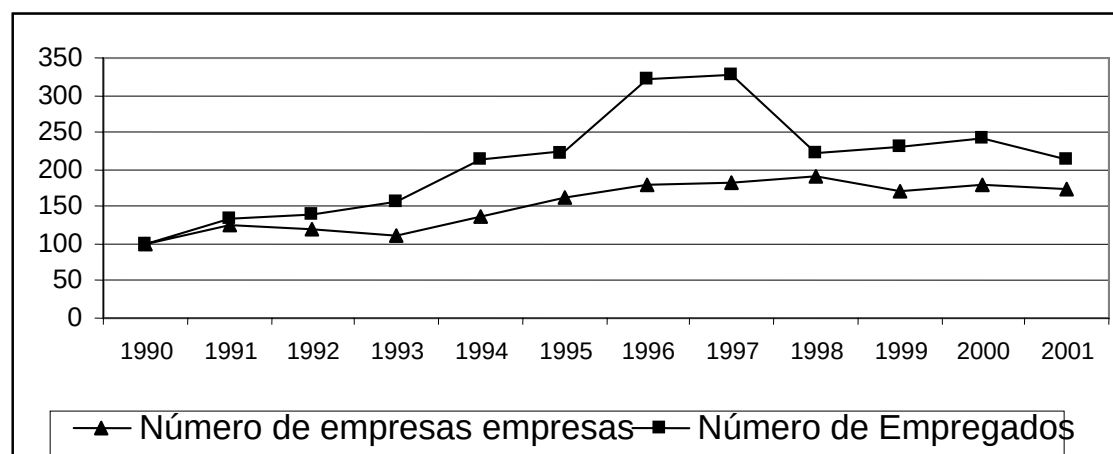


Gráfico 1: Evolução Percentual do Número de Empresas e Empregados no Setor Têxtil em Montes Claros 1990-2001.

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da RAIS/MTE 2001.

Nota: 1990= 100%.

Os dados acima comprovam a grande vocação do município de Montes Claros em relação a produção de produtos têxteis, abrigando empresas de grande porte com competitividade nacional e internacional.

7 Arranjos Produtivos de confecções de vestuário em regiões selecionadas e análise das empresas de confecções de vestuário do município de Montes Claros - MG

7.1 Arranjo Produtivo do estado do Ceará

No estado do Ceará o CED (Centro de Estratégia e Desenvolvimento) vem mapeando e caracterizando os Arranjos Produtivos Locais com potencial de desenvolvimento. Entre os diversos Arranjos identificados, o do setor de confecções desponta como um dos principais. Foram identificadas no estado do Ceará quatro cidades que se notabilizam na produção de confecções de vestuário, com um total de 42 empresas, gerando 1.233 empregos diretos (AMARAL FILHO et al. 2002).

Apesar de alguns Arranjos Produtivos encontrarem dificuldades para se desenvolver, o do setor de confecções aparece como um dos mais evoluídos, dentre os 23 Arranjos identificados e estudados. Uma das razões que levaram a um maior grau de desenvolvimento do ramo de confecções foi a percepção dos produtores de se reunirem em cooperativas, gerando economias de escala tanto para facilitar as vendas, como principalmente ganhar poder de negociação na compra de matérias-primas.

Entretanto, muitos são os Arranjos que precisam ser desenvolvidos, e para tanto, a participação do governo municipal na articulação e promoção dos Arranjos Produtivos é de fundamental importância, mas em muitos casos a participação governamental junto aos Arranjos Produtivos do Ceará não tem acontecido, dificultando sobremaneira a sobrevivência e evolução daqueles Arranjos (AMARAL FILHO et al. 2002).

7.2 Arranjo Produtivo do estado do Rio de Janeiro (Pólo de Nova Friburgo)

A cadeia têxtil e de confecções no estado do Rio de Janeiro se caracteriza pelo domínio das empresas micro, pequenas e médias, que respondem por cerca de 98% do total produzido no estado (LA ROVERE et al. 2000).

No pólo têxtil e de confecções de nova Friburgo, dentre os seis municípios que compõem o mesmo (Cachoeira de Macacu, Bom Jardim, Duas Barras, Cordeiro, Cantagalo e Nova Friburgo), este último município se destaca por reunir o maior número de empresas como também as empresas líderes (LA ROVERE et al. 2000).

Estão sendo propostos consórcios para exportação, que além de garantir escala para as pequenas empresas, ajudam no aumento da qualidade de seus produtos devido à necessidade de melhoria no *design* e na certificação de qualidade dos produtos LA ROVERE et al. (2000). Vimos, portanto, um empenho das pequenas empresas em reunir para forma sinergias e ganharem escala pra poder competir de forma eficaz no mercado.

Um dos pontos fortes deste Arranjo é a mobilização dos agentes que dão apoio as empresas. Entre os quais se destacam: a FIRJAM (Federação da Industria do Estado do Rio de Janeiro), através do seu representante local, o Sindicato da Industria do Vestuário de Nova Friburgo (SINDIVEST), SENAI/CETIQT e o SEBRAE.

Portanto, como podemos observar, o pólo têxtil e de confecções de vestuário de Nova Friburgo tem criado condições necessárias para competir até com empresas estrangeiras, principalmente no ramo de lingerie cuja produção é a mais representativa do país. Parece que esta especialização tem fomentado o desenvolvimento deste pólo.

7.3 Arranjo Produtivo do estado de Santa Catarina (Vale do Itajaí)

Este Arranjo é um dos mais evoluídos em se tratando dos Arranjos têxtil-vestuário. Santa Catarina é o terceiro maior pólo têxtil-vestuário do país, e, especialmente a região conhecida como Vale do Itajaí se destaca como a principal deste setor no estado.

O Vale do Itajaí compreende 32 municípios, sendo que 8 municípios se destacam por absorver cerca de 80% das empresas têxtil-vestuário, são eles: Blumenau, Brusque, Timbó, Pomerode, Indaial, Gaspar, Rio do Sul e Jaraguá do Sul. (CAMPOS et al. 2000).

É importante salientar que a compra de matéria-prima é de origem externa ao Arranjo, principalmente as compras feitas pelas grandes empresas, entretanto, mais de 60% das pequenas confecções adquirem tecidos dentro do próprio Arranjo. No que se refere a fornecedores de máquinas e equipamentos, não existe produtores relevantes no Arranjo, mas algumas empresas compram no próprio Arranjo. Quanto aos canais de comercialização, o principal são as lojas de varejo de terceiros, e realizam vendas em sua maioria por encomenda (CAMPOS et al. 2000).

Além de contar com apoio institucional e uma integração com universidade e escolas técnicas especializadas, outro ponto importante de apoio são as linhas de financiamento existentes que permitem as empresas adquirirem equipamentos novos para modernizar a linha de produção.

Apenas um aspecto relevante prejudica um maior desenvolvimento do Arranjo, a falta de uma maior cooperação entre as empresas, principalmente as pequenas. Apesar de não estar ausente totalmente, como foi exemplificada nas interações existentes entre as entidades associativas que oferecem apoio as empresas.

7.4 Análise das empresas de confecções de vestuário do município de Montes Claros - MG⁷

Quando indagados se trocam informações sobre moda, 25,8% responderam não trocar informações e apenas 6,5% trocam informações entre si. Nitidamente, esse é um fator importante para a competitividade do setor, pois o acompanhamento das tendências da moda é o principal aspecto a ser perseguido por este setor de atividade. Os dados estão na TAB. 06 abaixo.

Tabela 06
Troca informações sobre moda

	Frequência	Percentual
com outras confecções de vestuário	2	6,5
com fornecedores	11	35,5
com compradores	10	32,3
não troca informações	8	25,8
Total	31	100,0

Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa de campo (2003)

Em relação as matérias-primas utilizadas, 41,9% das empresas não trocam informações e apenas 3,2% das mesmas responderam positivamente. Entretanto, 48,4% das empresas compartilham informações com os fornecedores, indicando um vínculo a jusante do Arranjo em relação a esse aspecto. As informações estão expostas na TAB. 07 a seguir.

Tabela 07
Troca informações conjunta sobre matéria-prima

	Frequência	Percentual
com outras confecções de vestuário local	1	3,2
com fornecedores	15	48,4
com compradores	2	6,5
não troco informações	13	41,9
Total	31	100,0

Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa de campo (2003)

A troca de informações sobre locais de vendas ainda é baixa, mas apresenta um percentual maior que os itens anteriores, 29% das empresas trocam informações sobre locais de venda. Entretanto, 64,5% responderam negativamente a esse quesito. O receio de que estarão fornecendo uma informação sigilosa pode ser apontado como um fator para esse

⁷ O número total de empresas ultrapassa o total da amostra devido ao fato de conseguirmos entrevistar um número maior de empresários.

comportamento. Mas a união dos mesmos poderia ser vantajosa para atingir outros mercados, pois através de economias de escala poderiam está expondo seu produtos em outros mercados. A TAB. 08 a seguir contém os dados.

Tabela 08
Troca informações sobre locais de venda

	Frequência	Percentual
com outras confecções locais	9	29,0
com fornecedores	2	6,5
não troca informações	20	64,5
Total	31	100,0

Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa de campo (2003)

A cooperação entre as micros e pequenas empresas é fundamental para o desenvolvimento do setor, entretanto existe uma desarticulação e uma falta de cooperativismo muito forte entre as empresas de confecções de vestuário local. Quando indagados se compartilham equipamentos, 90,3% responderam negativamente. A utilização de sistemas de informática CAD (Computer Aided Design) / CAM (Computer Aided Manufacturing) neste setor é um fator primordial para o seu desenvolvimento, pois além de facilitar a criação de novos modelos de roupas, é um equipamento fundamental para a diminuição dos desperdícios de tecidos, baixando significativamente os custos de produção. Esse equipamento por ser relativamente oneroso para as micros e pequenas empresas adquiri-lo individualmente, mas pode ser comprado de forma conjunta e utilizados por todos. Os dados estão na TAB. 09 a seguir.

Tabela 09
Compartilha equipamentos com outras confecções de vestuário local

	Frequência	Percentual
sim	3	9,7
não	28	90,3
Total	31	100,0

Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa de campo (2003)

Com relação à compra conjunta de matérias-primas, verificamos novamente a falta de cooperação entre as empresas. Apenas 3,2% das mesmas informaram que efetuam a compra conjuntamente. Um importante aspecto nos custos de produção das confecções é a matéria-prima utilizada, pois o tecido é o principal insumo na fabricação das roupas. A união das empresas em consócio ou cooperativa poderia diminuir sobremaneira os custos de aquisição, pois teriam maior poder de barganha com os fornecedores se comprassem conjuntamente os

tecidos utilizados. O mesmo problema ocorre em relação a compra de máquinas e equipamentos, novamente apenas 3,2% adquirem conjuntamente. Os dados estão na TAB. 10 e TAB. 11 abaixo.

Tabela 10
Adquire matérias-primas com outras confecções

	Frequência	Percentual
Sim	1	3,2
Não	30	96,8
Total	31	100,0

Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa de campo (2003)

Tabela 11
Adquire máquinas e equipamentos conjuntamente
com outras confecções

	Frequência	Percentual
Sim	1	3,2
não	30	96,8
Total	31	100,0

Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa de campo (2003)

A desarticulação do setor de confecções de vestuário do município de Montes Claros é um problema que necessita ser superado. Um dos pré-requisitos para a formação de um Arranjo Produtivo bem sucedido é o vínculo entre os agentes formadores do mesmo. A análise dos dados acima permite-nos afirmar que as empresas de vestuário local formam ainda um Arranjo Produtivo Local muito incipiente, dado a quase completa falta de articulação do setor.

A conscientização dos empresários é fundamental para a concretização do Arranjo, pois são esses os principais agentes e interessados no desenvolvimento do setor. Apesar de existir um sindicato representativo do setor no município, podemos verificar que o mesmo é pouco atuante. Entretanto, as conversas informais com os proprietários nos levam a concluir que falta apenas uma articulação necessária para o setor se desenvolver, pois o espírito empreendedor está presente na maioria dos empresários.

7.4.1 Participação do poder público

Um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento dos Arranjos Produtivos Locais é a participação do poder público, principalmente o poder público municipal, não no sentido paternalista como demonstra a história econômica brasileira. No aspecto dos Arranjos Produtivos Locais, este agente deve servir como um articulador dos demais, fornecendo

informações, promovendo feiras, enfim promovendo o desenvolvimento e a concretização do Arranjo Produtivo Local.

A participação do poder público municipal em relação à promoção da empresas de confecções locais e quase que totalmente ausente. Apenas 6,5% dos empresários responderam receber algum apoio da Prefeitura Municipal no desenvolvimento das suas atividades. Os dados estão nas TAB. 12 abaixo.

Tabela 12
O poder público municipal fornece algum apoio a sua empresa

	Frequência	Percentual
Sim	2	6,5
Não	29	93,5
Total	31	100,0

Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa de campo (2003)

Como salientado, a presença do poder público municipal é de fundamental importância para o desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local. A atuação do mesmo torna-se fundamental, o diálogo entre os atores é necessário para que as empresas de confecções de vestuário do município de Montes Claros possam se desenvolver, gerando emprego e renda para o município, os dois principais problemas da economia local e nacional neste momento.

8 Considerações finais / sugestões de políticas

Dentro das novas propostas de políticas industriais recentes destaca-se o foco em Arranjos Produtivos Locais. Estudos dos mais variados centros de pesquisa econômica no país têm desenvolvido trabalho na identificação e proposição de políticas que devem ser implementadas para desenvolver as micros e pequenas empresas dos diversos ramos de atividade.

Os canais de vendas das empresas de confecções de vestuário local são muito limitados, pois a maioria absoluta das empresas comercializa dentro do município ou da região, demonstrando falta de competitividade do setor. Apenas algumas empresas conseguem atingir outros mercados. A política proposta para a superação desse gargalo é a reunião das mesmas em consórcio, através do qual conseguiriam atingir novos mercados.

As empresas de confecções de vestuário do município de Montes Claros – MG têm algumas características que podem ser trabalhadas com políticas orientadas para o seu desenvolvimento. O foco em Arranjos Produtivos parece ser o caminho mais indicado para o desenvolvimento das mesmas.

Entretanto, vários desafios estão expostos e necessitam ser enfrentados. Há uma grande desarticulação do setor. A falta de cooperativismo entre os empresários é o problema fundamental a ser superado, pois somente a união dos agentes que compõem o Arranjo é capaz de superar os diversos gargalos que ainda são evidentes no setor neste município.

Não existe fórmula infalível para que um Arranjo Produtivo possa evoluir e se consolidar, mas as propostas devem seguir algumas linhas gerais:

- 1) Qualquer política de desenvolvimento local deve contar com a concordância e participação efetiva dos agentes que estão diretamente interessados. O setor público não deve impor políticas, deve mostrar os benefícios que a cooperação pode trazer para o desenvolvimento das empresas (CROCCO & GALINARI, 2002).
- 2) Outro aspecto importante é a coordenação entre os setores públicos em todos os níveis e o privado (CROCCO & GALINARI, 2002).
- 3) As políticas devem ser direcionadas para o grupo de empresas e não para algumas individualmente (CROCCO & GALINARI, 2002).

No caso específico das empresas de confecções de vestuário do município de Montes Claros – MG, algumas políticas devem ser implementadas, tais como:

- a) Realizar um esforço de criação de uma marca associada às várias marcas próprias, que dará visibilidade à localização dos diferentes produtos e marcas da Região;
- b) Desenvolver padrões e procedimentos de certificação de qualidade para assegurar o sucesso da marca própria;

- c) Desenvolver consórcio para a compra de máquinas, matérias-primas e venda dos produtos;
- d) Promover cursos de capacitação gerencial e de *designer*;
- e) Criar mecanismos de crédito alternativos que atendam às necessidades das micros e pequenas empresas do setor;
- f) Promover vínculos entre as empresas de tecelagens da região que possam atender as confecções com matérias-primas.

Referências Bibliográficas

ABRAVEST, World Wide Web: < www.abraviest.org.br/ >.

ALBUQUERQUE, E. M. *Análise da Performance produtiva e Tecnológica dos Clusters Industriais na Economia Brasileira*. 2000. 31p. Nota Técnica – Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico, IE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

AMARAL FILHO, J. et al. *Núcleos e Arranjos Produtivos Locais: casos do Ceará*. Nota Técnica - Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico, IE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

BAER, W. *Neoliberalismo e Abertura Econômica na América Latina: um retorno ao passado*. In: FONTES, R. & ARBEX, M.A. (Ed.) *Economia Aberta: ensaios sobre fluxos de capitais, câmbio e exportações*. Ed. UFV, Viçosa, 2000.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Relação anual de informações sociais (RAIS)*. Brasília: MTE – DATAMEC, 1985-2001. (Disponível em CD-ROM)

CAMPOS, R.R., CARIO, S.A.F., NICOLAU, J.A. *Arranjo Produtivo Têxtil-Vestuário do Vale do Itajaí – SC*. Nota Técnica 20 - Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico, IE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

CARVALHO, F.F. & SANTOS, V.M. *A Sudene e as novas teorias de Desenvolvimento Regional*. Instituto de Economia (I.E.), Universidade Estadual de Campinas, 2003. Disponível em www.ie.unicamp.br.

CAVALCANTE, L.R.M.T. *Produção teórica em Economia Regional: uma proposta de sistematização*. Escola de Pós-Graduação em Administração (NPGA), Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2003. Disponível em www.ufba.br.

CROCCO, A. M., GALINARI, R. *Aglomerações Produtivas Locais*. In.: Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. Minas Gerais no Século XXI, Integrando a Indústria para o Futuro. Belo Horizonte: Roma Editora, 2002, V.6, Cap. 3, p.173-253.

DINIZ, C. C. *Global-Local: interdependências e desigualdade ou notas para uma política tecnológica e industrial regionalizada no Brasil*. 2000. 29p. Nota Técnica – Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico, IE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte. *Cresce Minas: um projeto brasileiro*. Belo Horizonte: FIEMG, 2000. 112p.

FGV (Fundação Getúlio Vargas) & IBRE (Instituto Brasileiro de Economia). *Análise da Eficiência Econômica e da Competitividade da Cadeia Têxtil Brasileiro*. Rio de Janeiro, FGV, 1999.

GORINI, A.P.F.,SIQUEIRA, S.H.G. de. *Complexo Têxtil Brasileiro*, Rio de Janeiro, BNDES, 1997.

HADDAD, P. “Cluster” In.: *Cresce Minas: um projeto brasileiro*. Belo Horizonte: FIEMG, 2000. p.16.

INDI (INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE MINAS GERAIS) World Wide Web: < www.indi.gov.br/ >.

KARTZ, J. “Cluster”: uma contribuição teórica. In.: *Cresce Minas: um projeto brasileiro*. Belo Horizonte: FIEMG, 2000. p.102-106.

LA ROVERE, et al. *Industrialização Descentralizada: sistemas industriais locais estudo do setor têxtil e de confecções*. Nota Técnica 37 - Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico, IE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

MYTELGA, L. & FARINELLI, F. *Local Cluster, Inovation systems and sustained Competitiveness*. Nota Técnica – Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico, IE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

MONTEIRO FILHA, D. C. & SANTOS, A. M. .M. *Cadeia Têxtil: estruturas e estratégias no comércio exterior*. BNDES Setorial, nº 15. Rio de Janeiro, BNDES, março de 2002. p.113-136.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins (org.). *Formação Social e Econômica do Norte de Minas*. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2000.

PORTER, M. *Clusters e a nova competição: estratégias competitivas essenciais*. Rio de Janeiro: Campos, 1999. 515 p.

SEBRAE - Montes Claros - MG. *Diagnóstico Setorial de Confecções em Montes Claros*, Montes Claros, 1999.

REVISTA PEQUENAS EMPRESAS GRANDES NEGÓCIOS. *25 ações indispensáveis para sobreviver no mundo dos negócios*. Rio de Janeiro, nº 175, agosto de 2003.

REVISTA CONJUNTURA ECONÔMICA. As 500 maiores empresas do Brasil, Rio de Janeiro, Agosto de 2003.